

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3500	1800	600	120
Possessões ultramarinas (idem)...	4000	2000	—	—
Estrang. (união geral dos correios)	5000	2500	—	—

27.º Anno — XXVII Volume — N.º 918

30 DE JUNHO DE 1904

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Consenso da Janela, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável: Cactano Alberto da Silva.



RAUL D'AZEVEDO

em Manaus dois grandes jornaes: *O Globo* e *o Rio Negro*, sendo tambem em duas phases redactor da *Federação*.

Filho do coronel Belmiro Paes de Azevedo e de D. Francisca de Brito Azevedo, os estudos de Raul de Azevedo foram feitos no Pará e ali exerceu o funcionalismo, estreando-se na imprensa redigindo a *Gazeta Postal*, do Pará folha dedicada mais á litteratura do que a assumptos em harmonia com o seu titulo e trabalhando tambem na *Provincia do Pará*, o grande jornal de Belem, que ainda hoje o conta como collaborador.

Seguindo do Pará para o Amazonas dedicou-se longos annos exclusivamente á imprensa e, ali, collaborou no *Amazonas*, sendo alem d'isso tambem correspondente da *Folha Nova* de S. Paulo e correspondente do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, até o fim de 1903, que foi quando teve de seguir para aquella cidade.

Na sua brilhante carreira litteraria tem-se tornado notavel a cooperação que tem dispensado a outros jornaes e revistas brasileiras e portuguezas, sendo collaborador assiduo de muitas revistas d'arte.

São productos da sua penna os seguintes livros já publicados:

Artigos e Chronicas, editores Lello & Irmão, do Porto; *Na Rua*, estudos, editados pela Parceria Pereira, de Lisboa; *Doutor Renato*, romance, editado por Laemmert & C.ª, do Rio de Janeiro; *Ternuras*, contos, editados por Oscar Monteiro, de S. Paulo; e *Homens e Livros*, critica, editor, Leuzinger & C.ª do Rio de Janeiro.

Tem no prelo, no Porto (livraria Chardron, um livro de critica *A Esmo*, e está trabalhando n'um grande romance nacional *Triplice Alliança*.

Raul de Azevedo, foi no Amazonas, official do gabinete do governo, secretario de Estado, director da Bibliotheca Publica, tendo desempenhado varias commissões de confiança do governo dentro e fóra do Estado. E' consul do Chile, major da guarda nacional, etc.

Como titulos litterarios possui os diplomas de socio correspondente de diversas sociedades de homens de letras e entre ellas o da Sociedade de Geographia de Lisboa.

Raul de Azevedo é, como vemos, um grande trabalhador intellectual, e os seus meritos podem se bem aquilatar pelos trabalhos com que tem sabido honrar a litteratura do seu paiz.

Da terra tão querida e que tem sido, por assim dizer, quasi a residencia constante de Raul de Azevedo, damos hoje como recordação uma paisagem de Manaus, copia de photographia de um dos mais distinctos photographos do Estado do Amazonas.

REFERINDO-SE em o nosso numero de 20 de janeiro d'este anno a um trabalho do sr. Raul de Azevedo, *Homens e livros*, o ultimo d'este distincto publicista, já o nosso prezado collaborador e particular amigo sr. D. Francisco de Noronha, deixara suggestionado, o espirito dos leitores do OCCIDENTE sobre os meritos intellectuaes e litterarios do seu talentoso auctor.

Reeleito agora deputado pelo Estado do Amazonas, onde esta revista tem larga circulação, a homenagem que prestamos ao seu representante, alem de ser merecida, tem o duplo fim de nos servir de ensejo para mostrarmos a uma terra, á qual tanto dever nos cabe de ser reconhecidos, que nos não esquecemos d'ella, nem de um dos mais dedicados e strenuos propugnadores do seu engrandecimento.

Effectivamente Raul de Azevedo, se bem que tivesse nascido na Capital do Estado do Maranhão a 3 de Fevereiro de 1875, tem passado a maior parte da sua vida em Manaus, capital do feracissimo Amazonas, e todas as suas aspirações teem sido defender os interesses do commercio d'aquelle Estado, já como redactor chefe do *Commercio do Amazonas* e do *Amazonas Commercial*, já fundando e dirigindo



UMA PAISAGEM DE MANAUS — PGRAPHE DE CACHOEIRA

Chronica Occidental

Correram alegres estes dias santos, que dão na folhinha ao mez de junho um aspecto mais festivo que o dos outros. Ha quem se queixe, mas a rapaziada das escolas e quantos ganham a vida por ordenados mensaes gosam com estes feriados e amaldiçoam a chronologia quando lhes faz cahir ao domingo um dia santo ou de gala.

Festejou-se o S. João, festejou-se o S. Pedro com muita fogueira e muito foguete e mais com alguma bordada de toiros, como, por exemplo, succedeu no dia 24 na praça de Paço d'Arcos.

Mas com respeito a festejos o que mais deu brado em Lisboa foram os promovidos no Jardim da Estrella pela Associação da Imprensa, que viu seus esforços coroados pelo melhor exito. A concorrência foi tal, que mal se cabia no jardim e foi grande a venda de sortes em todas as barracas. Foram superiores as illuminações e fogos de artificio.

Mais uma vez o publico se divertiu e se exerceu em Lisboa a caridade.

Festas houve tambem no Asylo de S. João e no Albergue das Creanças Abandonadas, com tombolas que foram muito concorridas. Gosaram grandemente os pequenos.

Para divertimentos ao ar livre é que o tempo va correndo, embora o calor não nos tenha mortificado este anno, n'estas proximidades de julho, como tem por uso, salvo raros dias excepcionaes.

Alguns theatros entretanto continuam a bater-se denodadamente e parece que com certa vantagem. Maria Galvany despediu-se no Colyseu dos seus entusiastas; Affonso Taveira com a *Preta do Mexilhão* todas as noites abre as portas da Trindade.

Talvez ainda, entre os espectaculos, deveremos citar as eleições que se realisaram no passado domingo em todo o paiz, mas trouxeram-nos tão poucas surpresas que pouco interessaram os devotos do genero.

O socego foi quasi completo. Em Santo Estevam, por exemplo, não havia um só policia para manter a ordem, se fosse preciso, tal era a certeza que todos tinham de que ella não seria perturbada.

O resultado geral já conhecido dá como eleitos cento e cinco regeneradores, quarenta e tres progressistas, um franquista, um nacionalista e quatro independentes que são os srs. conselheiro Dias Ferreira, conselheiro Marianno de Carvalho, conde de Mangualde e Moreira d'Almeida; mas d'alguns d'estes senhores não bem conhecidas as sympathias que os ligam a um ou outro dos dois partidos chamados de rotação.

O que, porém, n'esta eleição foi mais eloquente do que se esperava foi o resultado obtido pela lista republicana nas freguezias de Lisboa, tão superior á dos progressistas propostos, que, pela antiga divisão, teriam sahido eleitos, representando a minoria.

Mas até sobre o governo obtiveram maioria nas assembleas de Santa Catharina, Bemfica, Carnide, Lapa, Santo André, Anjos, Santo Estevam, S. Miguel, Sé, S. Christovam, Socorro, Olivaes, Santa Justa, S. Nicolau, Sacramento, Conceição Nova e Encarnação.

Não havia de ser apenas razões de queixa o que o sr. Bernardino Machado tivesse da gente de Lisboa, desde que, por uma selvageria para que não ha epitheto, um policia se atreveu a levantar mão contra elle.

Foi depois um contagio, e, ainda com muito maior razão de ser, pois pode havel-a abaixo de zero, a policia do Porto commetteu as mais idiotas prepotencias quando da chegada áquella cidade do grande poeta Guerra Junqueiro, uma das mais luminosas glorias de Portugal.

Isto de tudo se pegar, e o mal ainda muito mais depressa do que o bem, não era coisa para sustentar bem abertos os olhos de toda a humanidade, desde o bem conhecido caso de Adão e Eva com a maçã? Pois parece que não.

Estes factos a que nos referimos deram decerto valor mais alto ao resultado das eleições, que foi tambem o d'um protesto.

Tudo se passou entretanto serenamente, mais talvez do que vai correr a lucta encetada entre as duas das maiores companhias de Portugal, a dos Phosphoros e a dos Tabacos.

Com o titulo de *Tabacos e Phosphoros* publicava ha dias o jornal *As Novidades* um artigo de que transcrevemos o ultimo paragrapho: «O pri-

meiro recontro ferir-se-ha provavelmente na assemblea geral de segunda feira da Companhia dos Phosphoros. Ficam os nossos leitores avisados para o seguimento das hostilidades, que não deixarão de ser pouco menos interessantes que as da guerra entre a Russia e o Japão.»

Pudera não serem! Trata-se muito mais que da politica interna ou externa, que o mais que pode fazer é mudar a face d'uma nação ou a do mundo. Agora trata-se do dinheiro e é a isso que o homem presta, desde que ha homens e dinheiro, o melhor da sua attenção.

«Trata-se, diz ainda o mesmo jornal, de algumas dezenas de milhares de contos que o Estado ou a Companhia dos Tabacos terão a embolsar: — o Estado, se o contracto for denunciado e modificado; a Companhia dos Tabacos, se o contracto continuar sem alteração.»

A grandeza d'aquella cifra dá razão ao articulista no ultimo paragrapho que atraz copiamos. Algumas dezenas de milhares de contos! Mas onde estão os russos e os japonezes que possam deante de tal colosso ainda chamar a attenção da gente? O que é um czar ou um imperador perante o Deus do Ouro, senhor do mundo?

Dezenas de milhares de contos! Mas quem se importa ainda com as noticias da ultima grande batalha naval e com a nova victoria dos japonezes? Foram ao fundo mais alguns navios russos? Sahiu incolume a esquadra do almirante Togo? Mas tudo isso que importa a quem d'olho esboalhado contempla dezenas de milhares de contos sem saber para que algebeira o vento ha de levar as notas tão lindas.

D'aqui a meia duzia de dias já ninguém em Portugal se preoccupará com o perigo amarello, nem os jornaes publicarão na primeira pagina em grosso normando valentias de amarellas e de cosacos. Todos os espiritos se acharão distraídos pela nova lucta travada aqui ao pé da porta, que todos acharão de muito maior importancia.

Até o calor de junho acabará para muitos, comparado com o muito calor que possam temer.

Effectivamente a assemblea geral da Companhia dos Phosphoros, realisada na passada segunda feira, já foi, como primeiro ataque, promettedora de grandes lances no desenrolar da acção.

Entreter-se-ha o publico com a questão, o que mais vale do que dar curso á mais espaventosa mentira, como ainda ha pouco o fez. E é que não houve até hoje maneira de saber quem a inventou e porquê, quem lhe deu curso e que motivos teve para isso. O resultado final foi El-rei ter sido recebido com muitos applausos, ao desembarcar em Lisboa, e ter dado uma alegria grande á população.

Pois, apesar do justo motivo do entusiasmo, parece ter havido policia que franziu o terrível sobrolho e desfez na rua do Arsenal os agrupamentos do povo. As ordens são eguaes para todos.

Entrou El-rei, optimo de saude, na sua vida activa, melhor do que nunca, o que faz suppor que as mentiras tenham os mesmos privilegios que uma superstição attribue aos sonhos. Sonhar com a morte é signal de vida.

Um dos primeiros cuidados de Elrei ao chegar a Lisboa foi receber o illustre commandante do *Benjamin Constant* que, pela uma hora da tarde de sabbado, foi ao Paço das Necessidades acompanhado pelo seu ajudante de ordens, o guardamarinha sr. Mario de Noronha, filho do actual ministro da marinha da republica brasileira.

E' sempre uma alegria para os portuguezes ver no céu azul do Tejo fluctuar a bandeira do Brazil, a gloriosa nação da America do Sul, destinada a ser um dia um dos mais poderosos imperios do mundo, honra maior de Portugal.

A officialidade tem desembarcado e sido recebida carinhosamente pelos portuguezes. Bailes, festas, jantares, não faltaram em Lisboa, enquanto os illustres militares se demoraram entre nós.

Em Lisboa, em Cintra, no Estoril, na Cruz Quebrada, foram os illustres officiaes festejados.

E' dever nosso recebê-los assim, lembrando-nos que não ha povo no mundo como no Brazil acolhedor de quantos portuguezes ali vão buscar melhorar seus meios de vida.

Ainda ha bem poucos dias para lá partiu a companhia portugueza que levou Angela Pinto como estrella, e outras companhias, em breve lá vão buscar trabalho que nos mezes de verão não encontram em Portugal.

Deus lhes dê boa sorte.

João da Camara.

O Collegio dos Orphãos no Porto

Na minha recente viagem de recreio ao Minho, de passagem pelo Porto, que como filho extremo nunca deixo de visitar, foi-me dado ver o novo edificio do Collegio dos Orphãos, erguido n'um dos montes sobranceiros ao Douro, no local do Seminario Velho, de pavorosas tradições n'aquella cidade. Tal impressão de extremo agrado me causou o edificio, tanto externa como internamente, que desde logo formei tenção de lhe consagrar algumas referencias em qualquer dos jornaes onde é benevolamente acolhida pelos directores amigos, a minha descolorida prosa.

Escolhi O OCCIDENTE, com tanta mais razão quanto é certo que a este interessante periodico havia prometido qualquer coisa da minha lavoura, correspondendo ao amavel convite que me fora feito por um dos seus directores.

Foi o Collegio dos Orphãos fundado no Porto, em 1651, o que quer dizer que já conta nada menos de 253 annos, circumstancia que nem toda a gente conhece e que bem demonstra os serviços da instituição que tal idade logrou attingir.

Fundou-o o padre Balthazar Guedes. D. João IV deu-lhe o titulo de Real e approvou-lhe os estatutos, e o pontifice Clemente XI confirmou-os concedendo-lhe varios privilegios.

A creação da Academia de Commercio e Marinha desenvolvendo, em 1803, o traçado do amplo edificio que veio a envolver com grossos muros o espaço do collegio e a arruinar-lhe a igreja, deu em resultado a reclamação da Camara Municipal em varias epochas, pedindo ao governo uma nova casa para os orphãos ou a indemnização equivalente.

Resolvida essa pendencia em 1901, deliberou a camara apropriar o abandonado edificio do Seminario Velho e construir ao lado uma capella conforme o legado que recebeu d'um notavel bemfeitor, José Luiz Alves Vianna.

O collegio, que havia sido mudado para a rua dos Martyres da Liberdade, passou para a nova casa em 17 de setembro de 1903.

Tem esse edificio 132 metros de frente, voltada ao sul, tendo ao norte dois annexos, um para cozinha e dispensa e outro para balneario e refeitório.

Nas tres amplas galerias tem: no rez-do-chão o escriptorio, sala de espera, rouparia, aulas, officinas e enfermaria e no primeiro andar: salão de sessões solemnes e galeria de retratos dos bemfeitores, dormitórios, lavatorios, habitação do prefeito, isto na mesma disposição em que está tambem o andar superior, salão de estudo, gymnasio, theatro, arrecadações, bibliotheca, capella provisoria e varios quartos.

Ao nascente e no angulo do ultimo andar, é a habitação do vice-reitor; ao poente são os aposentos do reitor, sala de estudo com a sua bibliotheca particular, casa de banho, sala de vestir e quarto de dormir.

Entre a capella e o edificio ha um largo terraço que corre por sobre a portaria e dá accesso ao coro, e do lado norte do edificio fica amplo recreio para os collegiaes.

A porta principal fica a meio da frontaria do lado do sul e dá communicação para a primeira galeria por uma apparatusa escada de pedra.

Toda a casa tem serviço de illuminação a gaz e canalisação d'agua; pôde recolher 170 collegiaes, tendo ao presente 72, além de dois que estudam fóra, um no Seminario e outro na Universidade de Coimbra; tem aulas de instrucção primaria, portuguez, francez, desenho, commercio musica e cantochão, e tem alumnos matriculados no Lyceu e outros estabelecimentos.

Os fundos d'onde tira a receita para sustentar-se são os proprios, que lhe tem sido legados por bemfeitores e recebe varios donativos e esmolas pela assistencia dos internados a procissões e enterros. A administração é feita pela camara e dirige o collegio o padre Francisco José Patricio.

E' valiosa a lista dos alumnos que teem sahido d'esta casa de educação para occuparem importantes cargos publicos.

Os ultimos e mais notaveis melhoramentos do Collegio dos Orphãos são devidos ao actual director, acima citado e de quem damos o retrato a acompanhar estas linhas. Possuindo as geraes sympathias da cidade onde nasceu, o padre Patricio tem consagrado ao collegio que dirige todo o amor de um pae e toda a dedicação de um crente sincero e entusiasta.

Tendo nascido em 1850, ordenou-se em 1873, foi nomeado pregador regio em 1874, foi parochia da freguezia de Paranhos em 1878-79, eleito deputado pelo Porto em 1881, por Vianna do Cas-



A festival da Associação da Imprensa

tello em 1896 e outra vez pelo Porto em 1901 e voltou a sel-o nas ultimas eleições de ha dias.

Foi secretario da Commissão do Centenario Henriquino em 1894, desenvolvendo então uma actividade raras vezes igualada e poucas excedida.

Foi agraciado com a mercê de commendador da Ordem de S. Thiago em 1900; e é socio do Instituto de Coimbra, da Real Associação dos Archeologos e da Sociedade de Geographia; além de pertencer a muitas das mais consideradas agremiações scientificas e litterarias do estrangeiro.

Publicou dois volumes de termões, contendo os seguintes: O Natal, a Circumcissão, Corpus Christi, A Conceição Immaculada, Nossa Senhora da Esperança, Nossa Senhora dos Desamparados, *Mater Dolorosa*, o Mandato, *Sepulto domini*, Paixão e Soledade, Resurreição, S. Sebastião S. Bento, *Pro Regina*, Restauração de Portugal, *Libertas*, *Cittá Dolente*, D. Pedro IV, *Flebilistillel*, A Bandeira do Sertanejo, Penitencia, Nossa Senhora da Lapa, S. Pedro, *Umbra Cupressi*, Influencia do Christianismo na Arte, Santa Cruz, Elogio Funebre do Marquez de Sá da Bandeira, A Primeira Comunhão, *Ducus Oratorum*, *Aurora Consurgens*, *Ensis Gloriosus*, *Dolentem cum Filio*, *Per signum crucis*, S. João, O Bom Jesus de Bouças, S. Marçal, *In pulvere dormium*, *Loquar in amaritudine*, *Dolens clamat in doloribus suis*, *Quando inveniemus parem?* *Beatus qui intelligit super egenum et pauperem*.

Publicou em 1903 uma collecção de contos sob o titulo de *Telas Romanticas*; tem collaborado em varios jornaes do Porto e tem feito parte da direcção de varios estabelecimentos de beneficencia e de sociedades litterarias da mesma cidade.

A sua nomeação para director do Real Collegio dos Orphãos data de 1902. No curto periodo de dois annos ninguem teria feito tanto em favor da prestimosa e benemerita instituição.

Folgo de ter occasião de assim o afirmar sem receio de ser desmentido.

Lisboa 1904.

Alberto Bessa.

O festival da Associação da Imprensa no Jardim da Estrella

Ha muito que não se realisava em Lisboa uma festa tão cheia de attractivos, tão alegre e ao



O TINTEIRO OFFERECIDO POR S. M. A RAINHA D. AMELIA PARA A KERMESSE DO JARDIM DA ESTRELLA



FRANCISCO GRILLO

Director da Associação da Imprensa

mesmo tempo tão sympathica, como a que teve logar no Jardim da Estrella, em a noite de S. João e seguintes, chamando extraordinaria e desusada concorrência dos habitantes da cidade.

Sympathica festa, disse-mos, e sem duvida o foi, ainda que não tivesse, como teve, tantos attractivos, em seus bailes infantis, em suas danças populares a caracter, das esbeltas filhas d'Ovar, as esplendidas illuminações e vistosos fogos de artificio, as sortes e as tombolas com magnificos premios, este conjunto de divertimentos, em troca do obolo que o publico satisfeito, ali deixou para beneficio do cofre de pensões da Associação da Imprensa.

No lidar incessante pela sorte das familias dos jornalistas fallecidos, que mais não legaram aos seus que o nome glorioso ganho na lucta pela luz e pelo bem, procurou a Associação da Imprensa realisar o festival a que nos estamos referindo revertendo o seu producto para o cofre de pensões.

Neste proposito se empenharam os directores da associação srs. dr. Carneiro de Moura, Francisco Grillo, Tavares de Mello e Meira e Sousa, em organizar o festival, e poucas vezes o seu trabalho terá sido caroadado de tão bel-

los resultados, mercê da intelligencia, bom gosto e acerto com que foi dirigido, e da boa vontade e concurso de muitos que os auxiliaram.

Bem hajam todos que concorreram com seu trabalho e obolo para este festival, que proporcionou alegria, prazer, ao mesmo tempo que muitas lagrimas se vão enxugar.



Padrão da Misericordia de Oliveira de Azemeis

O eminente escultor Teixeira Lopes modelou o padrão, ou cruz processional da Santa Casa da Misericordia de Oliveira de Azemeis, feito sobre um esboço de seu irmão, o distincto architecto José Teixeira Lopes.

Este trabalho, que é mais uma obra digna do talento do distincto escultor, tem uma inegualavel correcção de formas e modelação primorosas.

O padrão foi fundido nas officinas do sr. Adelino de Sá Lemos cunhado do escultor, em cuja execução foi observada a maior pericia, afirmando-se que este trabalho pode perfeitamente competir com similares estrangeiros.

E' o sr. Caetano da Costa Seabra, digno provedor da Misericordia de Oliveira de Azemeis, e dedicadissimo ao engrandecimento d'aquella



DR. CARNEIRO DE MOURA
Vice-presidente da Associação da Imprensa



TAVARES DE MELLO
Thesoureiro da Associação da Imprensa



MEIRA E SOUSA
1.º secretario da Direcção da Associação da Imprensa



PADRE FRANCISCO JOSÉ PATRÍCIO
Director do Collegio dos Orphãos, no Porto



COLLEGIO DOS ORPHÃOS, NO PORTO

casa de caridade, que mandou fazer este padrão, que ficará consagrado como uma verdadeira obra d'arte.

Exposição Internacional de hygiene em Buenos-Ayres

O Commercio portuguez com a Republica Argentina

São muito animadoras as notícias que nos chegam das relações commerciaes entre Portugal e a Republica Argentina, porém maior expansão teriam, se os commerciantes dos dois paizes tomassem a peito prestar o seu apoio decidido ao desenvolvimento d'essas relações.

A nossa imprensa periodica tem publicado o manifesto do vapor «Magellau» chegado a Buenos-Ayres em 24 de Abril, e que d'ali lhe foi enviado por uma circular recomendada pelo sr. Eduardo Borges de Castro nosso consul n'aquella Republica, a qual referindo-se aos productos portuguezes exportados para aquelle paiz demonstra os resultados lisongeiros da propaganda da nossa imprensa a favor de tão uteis e vantajosas relações.

Pela nossa parte folgamos de poder dar aos nossos leitores tão agradaveis noticias, acompanhando-as d'uma photogravura da instalação das Aguas de Entre Rios, unica instalação portugueza na Exposição Internacional de Hygiene em Buenos-Ayres, realisada de 2 de Abril a 31 de Maio d'este anno, e que obtiveram o grande diploma de honra.

Esta exposição poderia ter tido uma grande importancia para o nosso commercio se os expositores portuguezes tivessem concorrido a ella.

O retrahimento, porém, que é a pecha inveterada em todas as nossas cousas, preponderou como sempre, no que dizia respeito á nossa representação commercial n'aquelle certamen e o resultado é o com-

mercio dos outros paizes ir avançando, ao passo que nós nos deixamos ficar commodamente em casa, de braços cruzados, deixando que a concorrência estrangeira nos invada os melhores mercados.

TRES ALDEIAS

Pelo distincto escriptor e publicista sr. Costa Goodolphim foi agora publicado um volume de perto de 100 paginas, que sob o titulo acima, comprehende tres interessantes monographias das aldeias de Sarnadas, Aldeia Nova do Cabo e Aldeia de Joannes.

E' uma edição primorosa, illustrada com interessantes gravuras, algumas das quaes aqui reproduzimos, e cujo trabalho artistico justifica os creditos da Typographia Universal, das primeiras officinas typographicas do paiz.

N'este volume singelo, sem pretensões de forma e em que o seu auctor nos dá a conhecer conjunctamente com os costumes das tres povoações beirãs a sua origem e historia, Costa Goodolphim na linguagem por vezes poetica e philosophica, mas sempre fluente, de tal maneira vestiu o assumpto com as galas d'esse levantado estylo, tão familiar á sua penna, que tornou este seu trabalho digno de um apreço especial alem do que elle tem de valioso na investigação.

Abre as suas monographias com algumas linhas consagradas a descrever a vida das aldeias que elle conhece da infancia e onde tambem teve o seu berço de rosas.

«Aqui sim, é que se encontra a vida serena e limpida, longe de todas essas vaidades, d'esses caprichos estouteadores, d'essas ambições fataes, que matam na alma os mais puros e nobres sentimentos.

«A aldeia é uma grande familia, unida pelos laços da fraternidade e do amor.

«Quem nos primeiros annos da



CRUZ PROCIIONAL DA MISERICORDIA DE OLIVEIRA DE AZEMEIS
Modelada por A. Teixeira Lopes e fundida por Adelino de Sá Lemos

sua vida se recreou á sombra das suas arvores, nunca mais, se tem coração, deixará de recordar-se de todos os seus encantos.

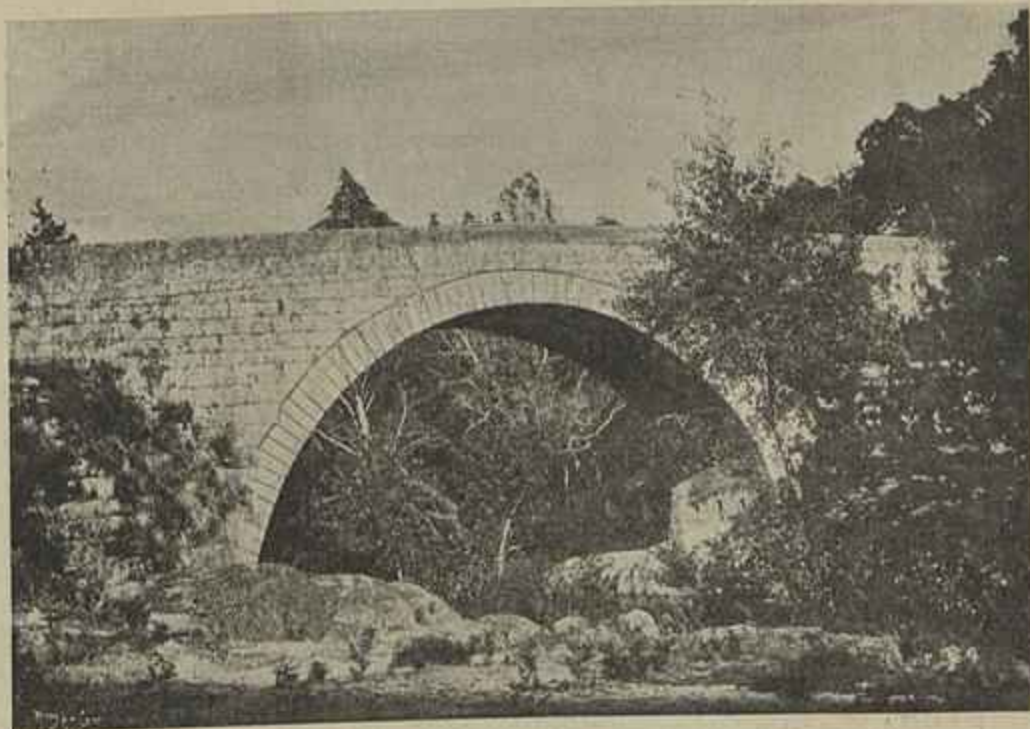
«As fontes, os campos esmaltados de flores na primavera, as arvores onde as avesitas fabricam os seus amoráveis ninhos, os contos á lareira, que as crianças escutam jubilosas, tudo fica gravado na alma em caracteres indeleveis.»

Veem depois as afirmações de quem conhece a lucta da vida d'aquelles que só teem no seu braço e nos trabalhos agricolas todo o manancial de prosperidades, e que tão explorados são pelos corrilhos politicos, que tudo promettem e nada realisam, que lhes possa servir de utilidade ou pelo menos que indique sequer uma tentativa.

«A doença, a falta de trabalho, um anno cruel em que todas as sementeiras se perdem, eis os tres inimigos fataes, que roubam todas as alegrias e abrem um vasto campo ao infortunio.

.....
«Julgar-se porventura que ha menos doencas nos campos do que nas cidades, é uma pura illusão, o que ha são martyres resignados, que se não queixam, que supportam muitas dores por entre as aguras do trabalho.

«Os campos estão abandonados a si proprios.



PONTE DO FAYA

«Não lembram aos altos poderes do estado se não para os impostos e para as eleições.

«Nas occasiões das luctas dos partidos então surgem os apóstolos, os grandes regeneradores, dispensando abraços e sorrisos, esperanças de grandes melhoramentos, um mundo amplo de beneficios.

«Mas os dias e os annos correm.

«A egreja fica em ruínas, a casa da escola é um pardieiro repellente, os impostos ainda mais

aggravam, e o usurario lá continua na sua mesma faina exploradora».

Não se esquece o sr. Costa Goodolphim de citar os nomes illustres que, como os condes de Tondella e D. Emilia de Aragão da Costa Lacerda da Victoria são os protectores desvelados dos pobres, e teem como uma das virtudes tradicionais de seus antepassados exercer a caridade com o mais desvelado afan.

O trabalho do sr. Costa Goodolphim termina com um tributo de saudade ao sr. José Germano da Cunha, pae do sr. dr. Alfredo da Cunha, director do *Diário de Notícias*, um escriptor digno e honrado, que tanto amou a terra onde passou quasi toda a sua vida, e que a amava como se fôra o seu berço.

Essa terra é o Fundão nas visinhanças das *Tres aldeas* que o

sr. Costa Goodolphim fez reviver em tudo que pertence á historia e á lenda, e que para muitos era ignorado.

Foi um bom serviço prestado não só aos filhos d'essas humildes povoações mas tambem aos estudiosos que, no livro citado, encontram muita referencia proveitosa, que só uma paciente investigação podia arrancar do esquecimento.

R.



EGREJA MATRIZ DA ALDEIA DO CABO



CAMPONEZAS DE SARNADAS

TRES ALDEIAS



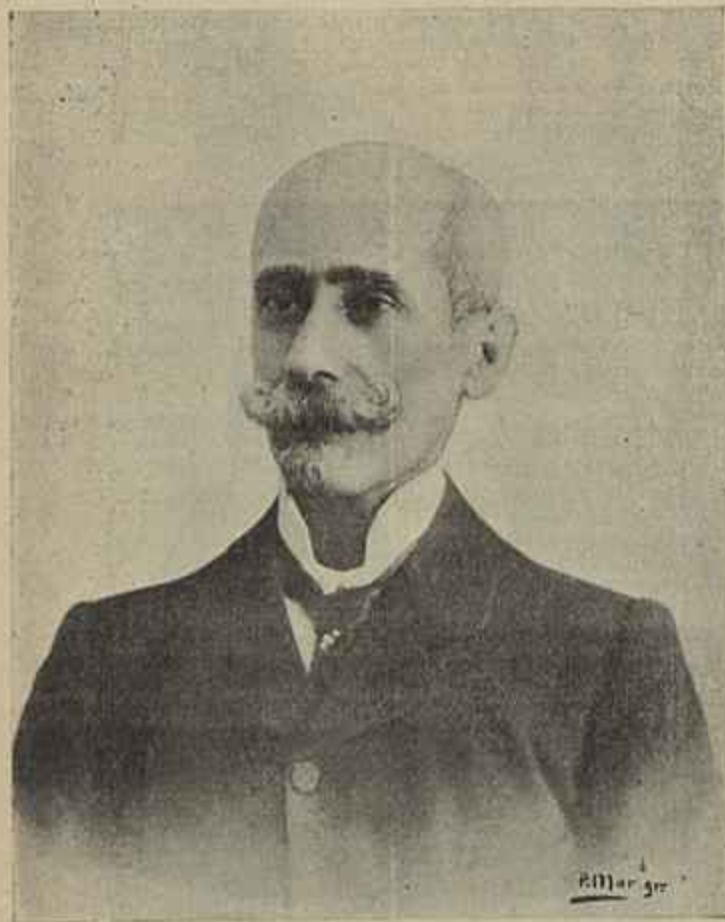
CONDESSA DE TONDELLA

UM PAR DE BOTAS DE BARCA

POR

Ludwig. Nötel

Em uma tarde amena do mês de julho de 1864, achavam-se reunidos, depois do ensaio, na varanda do viçoso jardim do Tivoli, os artistas da com-



CONDE DE TONDELLA

panhia dramatica funcionando durante o verão no Theatro de Bremen, alegres e expansivos todos elles, circumstancia aliás commum, salvo mui raras excepções, a essa tão jovial quanto inoffensiva gente nómada.

Festejavam o dia do anniversario do ensaiador, e retribuía-lhes este os parabens e os mimos recebidos pela manhã, convidando-os a estrear, de tarde, um barrilinho de optima cerveja da pipa e, como aperitivo, offerencia uma merenda, modesta e comestiva, de carnes frias, festim pacato para o qual fui tambem convidado, pois que eramos conhecidos e amigos, desde largos annos. Participava da geral alegria o nosso tão sizudo e ris-

pido ensaiador, abdicando temporariamente a severa catadura profissional, e como insistissem com elle os convidados a que lhes narrasse alguns episodios da sua vida, tão rica em experiencia, já pelo lado sério, já pelo lado humorístico, não se fez rogar por muito tempo, e encetou a seguinte historietta, nada facil de transmittir tal qual elle a contou, pois dispunha o narrador de uma dicção tão summamente original, expondo com inimitavel placidez e a mais formal seriedade as situações mais comicas, a ponto de interromperem a todo instante a narrativa estrondosas gargalhadas, e de transpor por vezes os limites do decóro o bom humor geral.

Cingir-me-ei quanto possivel ás textuaes palavras do narrador, cedendo-lhe portanto o meu logar.

Haverá uns sete para oito annos, encetou, achando-me eu com a companhia dramatica do director Frost na cidade de Helmedst, eis que, um bello dia, se nos torna conspicua a presença, no jardim do theatro de verão, de certo sujeito, attrahindo sobre a sua pessoa, desde logo, a attenção dos artistas scenicos, alli congregados á espera do ensaio.

Era homem de avantajada estatura, orçando pelos trinta annos, usando o cabello comprido e annellado, farto bigode encerado e encalamistrado a primor, uns collarinhos muito altos, como se usavam então, e dos taes a que o vulgo apodava de *quebra-queixo*; calças muito justas á perna e de xadrez muito largo, collete branco e uma casaca azul com botões de latão, um irreprehensivel par de luvas de pellica de cor garri-da, e botas de polimento; n'uma palavra, um primor de elegancia, supposto que um tanto hypermoderna esta. Assestára no olho direito um monoculo e brandia uma bengalinha com a qual fazia sarilhos. Evoluindo como que involuntariamente em largos circulos concentricos percebia-se que intentava abeirar-se do nosso grupo, e nós, mercê do instincto especial aos filhos de Thalia, adivinhamos desde logo na pessoa de adventicio um collega.

Não se fizeram esperar muito quer as observações maliciosas quer os ditos mordazes. Aquelle casquilho bigode preto, tal como apenas se permitiam usá-lo, aquella data, os galans dramaticos, ditos de *ponta de scena*, e os tenores da Opera, — restricção aliás observada, desde era assás remota — deixou-me desde logo antever o achar-me em presença de um collega; visto como, n'aquelle periodo da minha carreira, desempenhava eu ainda primeiros papeis, e de galã dramatico, e não ignora por certo o leitor a anciedade com que é recebido nas companhias de limitado pessoal o advento de um actor extranho, até que se venha a saber definitivamente, qual a especialidade a que foi admittido. Entre os artistas, alguns encetaram desde logo o seu tiroteio satirico, e um d'elles opinou: «afigura-se-me ser de molde o nosso forasteiro a preencher magnificamente uma lacuna que desde muito se tornava perceptivel entre o nosso pessoal!» Supposto fosse commentada semelhante observação por um risinho isento de maldade, e emittida a modo de gracejo, nem por isso deixou de produzir impressão no meu animo: aparteime do grupo um tanto despeitado, e indifferente na apparencia, entrei a passear recordando o meu papel.

Assovelado porém, no intimo, por invencivel curiosidade, despedia, de quando em quando mirrada invejosa, ao adventicio e á respectiva casaca de botões de metal: alfaia por mim cubçada desde tempos esquecidos, cubça que até aquella hora jámais me fôr a dadosatisfazer.

Contavamos apenas no seio da nossa companhia dramatica um exemplar unico do mesmo genero, e a esse possuia-o o nosso director, reser-

vando-o para os domingos e dias duplices e para as visitas officiaes.

A breve espaço, eis que apparece Frost, o nosso director, e como era domingo, envergára a sobredita e mencionada casaca. As nossas conjecturas visando a hypothese de ser ou não o forasteiro um artista dramatico não tardaram em obter confirmação, porquanto, o sujeito, assim que lobrigou o director, tirando o chapéu com donaire inimitavel, caminhou ao encontro d'este e disparou-lhe o seguinte:

— Bom dia, caro director, como vae de saude? Achando-mo aqui, de passagem para Aachem, não queria deixar de lhe fazer uma visita! — Conhece-me, sem duvida? — Não? Pois, aqui onde me vê, saiba que sou seu collega e, ha muito tempo, seu concorrente n'esta provincia; o meu nome é *Wustenfeld*!

— Até que enfim! Sabiamos finalmente a quantos andávamos e, tranquillizado um tanto ou quanto, fui-me acercando, era muito nosso conhecido aquelle nome de *Wustenfeld*; um que outro actor de arribação trouxera-nos já noticia d'este membro da companhia da viuva Schröder, de Hildesheim, e como o sobredito era não só o mais que tudo da viuva mas ainda o seu homem de negocios, cessavam *ipso-facto* as minhas apprehensões referentes ao meu cargo, além de que, devido ás suas dependencias particulares para com a respectiva direcção, achava-se solidamente ligado, não necessitando, portanto, de procurar novo contracto.

O nosso director, que correspondêra ao primeiro cumprimento levando a mão ao chapéu com extremada cortesia, voltou, rapido, a assentá-lo na cabeça, assim que ouviu o nome, estendendo apenas a ponta de um dedo á sollicitação enluvada de *Wustenfeld*, e com frieza manifesta, retorquiu:

— Ah!... com que então é o sr. *Wustenfeld*, como vae a sua directora, a estimavel madame Schröder?

(Continúa)

M. Macedo.

A natureza e seus phenomenos

PHYSICA

PARTE I

A GRAVIDADE

III—GAZES

(Continuado do n.º 902)

Os gases teem propriedades analogas ás dos liquidos. Differem, porém, d'estes pela sua extrema *expansibilidade* e *compressibilidade*, e ainda pela falta absoluta de *cohesão*.

O principio de Pascal tem egualmente applicação nos gases, devido a que estes corpos são, da mesma forma que os liquidos, compressiveis e elasticos, e as suas moleculas extremamente moveis. As consequencias d'esse principio são tambem identicas ás dos liquidos, exceptuando apenas a differença que resulta da sua grande expansibilidade e pequena densidade. Se tivermos dois gases contidos no mesmo espaço, ou em espaços communicantes, o equilibrio d'estes não se manifesta como nos liquidos. Este apenas tem logar, no momento em que os dois gases se misturem completamente, resultando d'ahi a pressão ser identica em todos os pontos da sua massa.

Em virtude do principio de egualdade de pressão, o peso dos gases dá assim como nos liquidos, origem a pressões em todos os sentidos. Essas pressões são, principalmente, devidas á sua força elastica.

Vejamos os effeitos da pressão, sobre o ar atmosphérico:

Denomina-se *pressão atmosphérica*, o peso de um cylindro de ar, de base egual á da superficie considerada, e de altura, egual á da *atmosfera* (camada gazosa que nos cerca e envolve, composta, principalmente por dois gases: o *oxygéno* e o *azote*, misturados na proporção em volume, de 20,8 para 79,2).

No ar atmosphérico existem, além d'estes dois gases, e n'uma pequena proporção, *acido carbonico* (1 gramma por cada metro cubico, approximadamente), vapor d'*agua*, em quantidade variavel consoante as estações, e pequenas porções de gases diversos que, produzindo-se á superficie da terra, se elevam na *atmosfera*.

Como dissemos, a pressão atmosférica, assim como a de todos os corpos gazosos, transmite-se em todos os sentidos. Citaremos algumas experiências para demonstrar esse facto.

Pressão de cima para baixo.—Se tomarmos um frasco óco, rolharmos a sua parte superior, por meio de uma bexiga de porco bem tensa, e dentro d'esse frasco, lhe extrahirmos todo o ar, veremos a bexiga deprimir-se no sentido do interior do frasco, a ponto tal que termina por estalar, demonstrando assim a existência da pressão de cima para baixo.

Pressão de baixo para cima.—Fazendo deslizar uma folha de papel, sobre a superfície de um copo completamente cheio de água, e virando-se, a água não cáe, devido á pressão do ar de baixo para cima.

Pressão lateral.—Demonstra-se a existência d'esta pressão com um frasco de vidro contendo varios orificios lateraes, e rolhado na sua parte superior. Se abrimos um d'esses orificios, a água não sáe, devido á pressão exercida lateralmente, pelo ar, sobre a água. Se destaparmos a bocca do frasco, o liquido obedecendo ao seu peso, exgota-se, visto que a pressão atmosférica exercida na parte superior do frasco equilibra a pressão lateral.

Pressão em todos os sentidos.—Os hemisphérios de Magdeburgo permitem a sua demonstração. São dois hemisphérios ócos, de metal, que se ajustam perfeitamente. Enquanto existir ar entre elles, estes separam-se facilmente, mas feito o vacuo no seu interior, é necessario um grande esforço para os separar.

Para medir a pressão atmosférica, empregam-se os barómetros.



Fig. 36 — Hemisphérios Magdeburg

O barometro de tina consta de um tubo estreito de vidro, fechado na parte superior, e cuja parte inferior mergulha n'uma tina. O tubo contém mercurio até certa altura, variavel consoante a pressão atmosférica, e acha-se ligado a uma prancha de madeira graduada em centímetros e millímetros, correspondendo o zero da escala, ao nível da tina. O espaço vazio, superior ao nível do mercurio, é a *camara barométrica*. A altura barométrica é a diferença do nível entre as superfícies do mercurio, no tubo e na tina.

O barometro de Fortin differe d'este em que o tubo está introduzido n'uma capsula de fundo móvel, com o fim de obrigar, por meio de um parafuso, o mercurio, a estar sempre á mesma altura, indicada esta, por meio de um index, e correspondendo ao zero da escala. Tanto o tubo como a capsula são protegidos por um envoltorio metallico, onde se acha traçada a escala, e um nonio, sendo o envoltorio fendado, com o fim de permittir a facil observação do nível do mercurio dentro da tina e da capsula.

Nos barómetros de syphão, existe um tubo recurvado, sendo os dois ramos desiguaes. O maior é fechado e ligado, por meio de um tubo capilar, ao menor, afim de evitar a entrada do ar na camara barométrica. O ramo maior é igualmente fechado na parte superior, tendo, apenas, um orificio lateral, pelo qual entra o ar exterior, afim de ir exercer pressão sobre o mercurio.

O ramo maior representa o tubo, dos barómetros de tina, e o menor, substitue a tina.

Em cada um dos ramos existe uma escala com o zero commum. A somma das duas leituras, dá a altura barométrica.

Continua.) Antonio A. d'Oliveira Machado.

O MEZ METEOROLOGICO

Maio 1904

Barometro: Max: 769.^{mm}3 em 31.

" Min: 758.^{mm}2 em 24.

Thermometro: Max: 32.[°]6 em 14.

" Min: 10.[°]2 em 7.

A temperatura foi, em todo o mez, muito irregular, sendo muito bruscas as transições de 12

a 14, as maximas elevaram-se acima de 30°, sendo respectivamente eguaes a 31°, 0—31°, 2 e 32°, 6. Em 15, a maxima foi de 29°, 7, superior á normal—Foi um dos mezes de Maio, mais quente, durante estes ultimos annos—Desde 1875, que não se tinham observado temperaturas tão excessivas, n'este mez.

Chuva: 11.^{mm}5 divididos em 4 dias.

Um unico dia de chuva notavel em 24 (10.^{mm}4).

Ventos dominantes: NE até 7, SW em 8 e 9, NE de 10 a 18, N até 22, S em 23 e 24, SW de 25 a 27, SE em 28, S em 29 e N em 30 e 31.

Céu: Bom tempo 15 dias—Nublado 15 dias—Encoberto 1 dia.

Relampagos e trovões: em 24.

REDEMPÇÃO

Romance de D. João de Castro

Empreza da Historia de Portugal.—Lisboa, 1904

Ha livros em volta de cuja publicação se faz ás vezes um silencio que parece propositado; assim como ha outros, que ainda estão longe de apparecer, e já teem o seu *reclame* feito nos jornaes; chega-se a desconfiar de que ha um syndicato constituído exclusivamente para tornar conhecidos certos livros, e lançar outros no esquecimento absoluto. Este, cujo apparecimento estamos noticiando, pertence ao numero dos votados ao ostracismo e comtudo a *Redempção* é um livro de primeira ordem nos seus processos e nos seus intuitos. Simplesmente o seu auctor tem tanto de modesto e de esquivo a pedir favores á critica, como de talentoso e de honesto; d'ahi o tal silencio, que se nos affigura intencional. Deixemo-nos, porém, de considerações, cuja só lembrança se nos torna desagradavel e digamos alguma cousa da *Redempção*.



D. JOÃO DE CASTRO

E' este um livro em que o seu notavel auctor, o sr. D. João de Castro, defende uma these nobre e levantada, e é rehabilitar a mulher pela maternidade. E não é esse o intuito unico. O personagem principal da acção que se desenrola no soberbo romance, Samuel Dantas, illude, com protestos de amor, uma boa, ingenua e santa rapariga—a Maria José—da qual rapidamente se esquece, levado por uma ambição desmedida, que quasi lhe anniquilla todas as faculdades de estudo, de trabalho e até de talento, que, quando moco e apaixonado, tão promettedoramente revelára; essa insoffrida ambição, por insatisfeita, vae-o precipitando n'um abismo de indignidades, de abjecções e de infamias, da qual como que milagrosamente e já no ultimo degrau da sua degradação, é salvo pela tenacidade na virtude, no amor e na abnegação sempre manifestada pela pobre mãe sem marido, cuja filha vem a ser, quasi sem elle o saber, o elo que de novo prende duas almas já de ha tanto afastadas, lançando-as novamente na vida, no trabalho e na felicidade. *Redempção* é o titulo de um quadro começado no tempo dos primeiros amores de Samuel Dantas, nunca completado por impotencia intellectual d'este artista, durante a longa phase de baixez e de degradação do seu auctor, e só quasi no desenlace do romance, não concluído, mas substituído por outra nova *Redempção*, o retrato da filha— a Carmo—que inconscientemente realiso a rehabilitação do pae.

Ha entre a factura d'esse quadro e o entrecho

do romance uma ligação de ordem a justificar o titulo dado por D. João de Castro ao seu bello livro.

E' todo fremente de emoção este notavel romance, e escripto n'um estylo luminoso, mas sobrio, e que não vimos por ahi quem seja capaz de egualar n'esta difficilima arte de escrever, e revela no seu auctor progressos extraordinarios, que o tornam, sem duvida, um dos mais brilhantes, senão o mais brilhante romancista moderno portuguez, isto em que peze aos que são grandes unicamente no *reclame*.

R.

LICÇÕES DE PHOTOGRAPHIA

A maior parte dos que principiam a trabalhar em photographia, teem difficuldade no emprego da escala para a *mise-au-point*.

A distancia entre o objecto e o operador demanda, para ser bem apreciada, de muito tempo e pratica. Com objectivas de foco curto, facilmente se obtém o resultado desejado, mas ha toda a vantagem, da distancia focal ser o menos curta possivel.

Para utilisar a objectiva, na *mise-au-point*, imaginou-se diversas combinações de espelhos e lentes, o que, no dominio da pratica, se não tem usado. O dr. Doyen, tentou, ultimamente, mais uma vez, o uso d'essas combinações, construindo um apparelho (Diplide), para obter os mesmos resultados.

Emprega dois espelhos: o 1.º, situado na parte de traz da objectiva envia a imagem ao 2.º collocado por cima da mesma objectiva. A inclinação d'estes espelhos é calculada de forma que a imagem se reproduza n'um vidro despolido formando o fundo de uma camara escura.

Para obter uma *mise-au-point* rapida, munui-se a montagem helicoidal das objectivas, de uma haste comprida, terminada por meio de uma especie de forquilha, na qual se colloca o dedo minimo da mão esquerda. Baixando ou levantando esse dedo, varia-se a *mise-au-point*.

Quando se julgar as dimensões da imagem, de uma grandeza razoavel, apoiar-se-ha o dedo sobre a referida forquilha, afim de não deslocar a *mise-au-point*.

Uma peça de couro fixa ao lado da objectiva, permite collocar esta solidamente á altura dos olhos.



Recebemos e agradecemos:

Actea, de A. Dumas, traducção de J. O. C. A., Lisboa, 1904.—E o primeiro romance editado pela empreza da *Bibliotheca de Traducções*.

Actea é um estudo da historia romana e em que Alexandre Dumas poz em relevo os costumes da epoca, a lucta, as corridas, as scenas de amphitheatro, etc.

Este volume é correspondente a 1 d'Abril. Segue-se em 15 de Abril, a *Sultanetta*, de A. Dumas, e em 1 de Maio, o *Herdeiro de Robinson*, de Lauree.

Montañesas—Poesias gallegas de Antonio Noriega Varela, com um prologo por Leopoldo Pedreira.—Luarca, 1904.—Da Galliza, da formosa villa de Mondoñedo, nos enviaram o gracioso voluminho de versos, cujo titulo, *Montañesas*, é bastante suggestivo. Para nós, portuguezes, a poesia gallega tem o subido apreço que se deve dar a uma irmã mais velha. Foi em gallegio-romano que cantámos as nossas primeiras trovas. E' comparar os antigos cantares portuguezes com os d'essa região hespanhola, que tão bem continúa a nossa pittoresca provincia do Minho.

A' lista bem notavel de poetas gallegos, cujos nomes se estenderam além da provincia que lhes foi berço, temos a acrescentar a de Antonio Noriega Varela, que não tardará, decerto, a ser incluido n'ella, a par dos mais celebrados.

Valentim Lamas Carvajal, Aureliano Pereira, Martinez González, Barcia Caballero, Curros Enríquez, Rosalia Castro de Murguía, Eduardo Pondal e tantos outros, pertencem á pleiade poetica da Galliza.

Não obstante as affinidades do portuguez com o dialecto gallego, nem sempre a traducção corre facil para nós. E' que bastantes dos poetas da Galliza se encerram n'um gallego tão vernaculo, que bem se vê o intento que teem de mostrar que a sua lingua corresponde bem a uma auto-

nomia regional. Algumas vezes os versos gallegos parecem-nos portugueses, tão identicos se tornam; outras assimilham-se ao vasconco e tornam-se introduzíveis para quem só conhece do hespanhol o castelhano.

Alguns poetas gallegos teem preferido para maior vulgarisação a lingua official, seguindo o exemplo do grande lyrico Campoamor, illustre filho da Galliza.

Para o louvavel affeiro dos poetas gallegos ao seu dialecto contribuem muito os jogos floraes, que constantemente se repetem, com premios valiosos para as melhores composições, cantando costumes ou tradições da Galliza. Teem sido sempre fecundas essas iniciativas, e entre os meritos dos poetas, a vernaculidade da linguagem recebe uma merecida distincção, porque ella se coaduna admiravelmente com as descrições campezinhas.

Noriega Varela mostra um vivissimo amor pela sua terra. Entre as poesias das *Montañas* vem algumas premiadas em certamens publicos, como a *De Ruada*, que é a joia da collecção.

No erudito *Prólogo*, de Leopoldo Pedreira, accentua-se brilhantemente essa feição do poeta mindoniense. Todo elle é amigo das tradições, desde o vestuario até ás comidas. Noriega sente com infinito desgosto o desaparecimento de quanto ha de typico, de castigo, de *enxebre*, na terra gallega. Queixa-se do desaparecimento da *tristeza alegre*, que é o fundo da alma regional, soffredora, resignada e paciente, d'um povo viril e honrado. Lamenta que se não vejam já os gran-



INSTALAÇÃO PORTUGUEZA DAS AGUAS DE ENTRE-RIOS, NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE HYGIENE DE BUENOS AYRES

des chapéus, os calções curtos de botões dourados, os colletes brancos dos lavradores e os grandes lenços característicos sahindo das algibeiras dos calções. Agora, para o poeta, algumas camponesas vestem de tal forma que mettem respeito.

A bebida doce, a *sangria*, das romarias, foi substituida pela gazosa das fabricas. Como o poeta se insurge! A gazosa sabe a pontas de agulhas, parece uma invenção do demónio.

E assim contra todas as novidades, exóticas na sua região.

Com uma tal musa, Noriega Varela, é tambem um poeta da paisagem, lindamente descripta.

Não ha duvida que Noriega Varela é uma legitima esperanza das letras gallegas e talvez das hespanholas, quando as suas composições deixem de estar circumscripitas á região entre as costas cantabricas e o Minho, o Eo e Leão.

Segundo Leopoldo Pedreira, é Noriega ainda novo, tem cultura litteraria extensa, e exerce o magisterio; na sua terra desfructando a *aurea mediocritas* de que falava Horacio e que é tão propicia á poesia. Em taes condições espera que o poeta continue estudando a risonha natureza e os pittorescos costumes da região mindoniense; que nol-os resenhe na simples linguagem do paiz, sem incorrer no feio vicio de inventar palavras a capricho, como fizeram Galo Salinas e Alberto Garcia Ferreiro, nem rebuscar locuções reconditas como Pondal.

Pelo que tem publicado, parecemos que Noriega Varela corresponderá dignamente áquellas esperanças.

Henrique Bastos — Cirurgião dos hospitaes

DOENÇAS DOS RINS E APPARELHO GENITO-URINARIO

Exame endoscopico da urethra e bexiga.

Colheita de urina de cada um dos rins

CONSULTAS: Senhores — ás 10 horas da manhã

Homens — ás 3 da tarde

LISBOA — Largo da Annunciada, 9 — LISBOA

TONICO CASPECIDA

Preparado pharmaceutico

De A. DE SOUSA

É producto que se usa em todo o tempo, não do mesmo genero dos que se empregam nos cabelleiros, mas que preserva a queda dos cabellos, dá-lhe força, não o embranquece, tira caspa, dastros e outros males que destroem as raizes. Applica-se tambem ás feridas da cabeça, inflamações de pelle, rheumatismo articular e nas lymphatites chronicas.

É seu unico depositario em PERNAMBUCO

Alfredo Ferreira

Rua Barão da Victoria, 14

Vende-se em Lisboa, ao preço de 1000 réis cada frasco, franco de porte na

Drogaria e perfumaria de JOAQUIM DIAS

46—Calçada do Combra—48

Marca registada

SERTORIO A. S. CORTE REAL

SOLICITADOR ENCARTADO

LISBOA — Rua dos Retrozeiros, 149, 2.º

PARIS EM LISBOA

CHIADO 77

É a casa de MODAS que
melhor sortido apresenta
em artigos bons elegantes
e de luxo
PREÇOS RECOMENDAVEIS
E FIXOS



ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas
nacionais e estrangeiras



R. do Alecrim, 114, 1.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA



CONSULTORIO CIRURGICO DENTARIO

Gomes Costa

Cirurgião dentista especialista

Doença da bocca e cor"das del" narizes,
clinica dentaria e collocação de dentes

Consultorio—Rua da Boa Vista, 164, 1.º

NOVIDADE LITTERARIA

TERRA ALHEIA

Contos de Dickens—Edgard Poe—Maupassant—Gorki—Daudet—Annuaire
Malot—Arenas, etc.

TRADUZIDOS POR Henrique Marques Junior

Prefacio de Brito Rebello e Albino Forjaz de Sampaio

Um elegante volume de bella leitura, illustrado com 24 retratos
300 réis, pelo correio 320 réis

A' venda na Empresa do 'Occidente', Lisboa
e nas livrarias



CARLOS DICKENS

Atelier Photo-Chimi-Graphico

P. MARINHO & C.ª

Rua de S. Paulo, 216, 2.º — LISBOA

N.º telephonico 829

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.



LE DICTIONNAIRE

DES SIX LANGUES

Médaille à l'Exposition Universelle
de Paris de 1900

Français, Allemand, Anglais, Espagnol,
Italien et Portugais

Prix 25 francs ou 1 £

Editeur—Empresa do Occidente — Lisbonne — Portugal

